



O perfil do corpo docente nos programas de pós-graduação em ciência da religião brasileiros

Faculty profile in Brazilian graduate programs in the study of religion

Gustavo Sanches Duarte*

Resumo: Este artigo visa apresentar um panorama do perfil dos corpos docentes dos Programas de Pós-Graduação (PPGs) em ciência da religião brasileiros, buscando mapear a formação dos professores e instigar reflexões sobre a valorização dos cientistas da religião dentro de sua própria área de atuação. A metodologia utilizada envolveu a análise do perfil dos docentes permanentes dos PPGs, com base em levantamento dos currículos Lattes disponíveis nos sites oficiais das instituições. Os dados revelaram uma predominância de professores formados em teologia e outras disciplinas das ciências humanas, em detrimento dos cientistas da religião, tanto em nível de graduação quanto de doutorado. As considerações finais ressaltam os desafios persistentes na inclusão dos cientistas da religião como docentes de seus próprios cursos, apontando para a necessidade de repensar os concursos dos programas de ciência da religião e promover mudanças para construir um ambiente profissional mais inclusivo e representativo para esses profissionais no Brasil.

Palavras-chave: Perfil docente, ciência da religião, programas de pós-graduação brasileiros, formação acadêmica.

Abstract: This article offers an overview of the faculty profiles within graduate programs in the study of religion in Brazil. It seeks to chart the educational background of these professors and to spur discussions on the value of scholars of religion in their field. The methodology employed involved analyzing the profiles of the permanent faculty in these programs, using a review of Lattes curricula available on the institutions' official websites. The findings indicate a dominance of faculty with backgrounds in theology and other humanities disciplines, overshadowing those explicitly trained in the study of religion. The concluding remarks address the ongoing challenges of integrating scholars of religion into faculty positions within their own disciplines. It calls for reevaluating the hiring processes for the study of religion programs and advocates for changes to foster a more inclusive and representative professional landscape for these scholars in Brazil.

Keywords: Faculty profile, study of religion, Brazilian graduate programs, academic formation.

Introdução

A ciência da religião tem evoluído significativamente desde a década de 1960, marcada pela transição do estudo teológico e filosófico para uma abordagem científica autônoma (Usarski, 2006). Esse movimento não apenas exigiu o desenvolvimento de

* Bacharel em ciências econômicas pela Universidade Nove de Julho e mestrando em ciência da religião pela PUC-SP - Bolsista CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-2754-5737>

métodos próprios, mas também reforçou a necessidade de reflexão contínua sobre as práticas acadêmicas, comum a qualquer empreendimento científico.

No contexto brasileiro, entretanto, a distinção entre ciência da religião e teologia nem sempre é evidente, o que tem suscitado debates e reflexões acerca da identidade e o papel dessa disciplina. Usarski (2023) destaca que existem diferenças fundamentais entre teologia e ciência da religião, uma das quais está na abordagem do objeto de estudo. Em termos simples, enquanto a teologia adota uma perspectiva êmica, a ciência da religião opta por uma perspectiva externa, observando-a de fora, secular, sem compromissos com uma confissão religiosa específica. Como Greschat (2005, p. 155) salienta, os cientistas da religião “são autônomos em seus trabalhos”, não servindo a nenhuma instituição religiosa, ao contrário dos teólogos.

Nesse sentido, torna-se crucial repensar o perfil dos corpos docentes dos PPGs em ciência da religião no Brasil, uma vez que isso reflete diretamente o tipo de pesquisa que os programas produzem e como a produzem. Os editais de contratação muitas vezes não priorizam especificamente a formação na área de Ciência da Religião. Essa preocupação já foi levantada por Stern (2022a) e se deve, principalmente, ao elevado número de desempregados formados em Ciência da Religião. Muitos deles enfrentam dificuldades para encontrar oportunidades de trabalho, inclusive dentro das próprias instituições de ensino onde concluíram seus estudos.

Assim, o presente artigo busca apresentar um panorama do perfil atualizado dos corpos docentes dos PPGs em ciência da religião no Brasil. Apresentaremos um panorama da Área 44 “Ciências da Religião e Teologia”, detalhando suas subáreas e os programas que a compõem. Posteriormente, analisaremos o perfil do corpo docente permanente dos 11 PPGs em ciência da religião no Brasil, sendo sete deles vinculados a instituições públicas e quatro a instituições privadas, conforme detalhado na Tabela 1. A análise será baseada nos currículos Lattes dos docentes, conforme listado nos sites oficiais de cada programa.

Importa salientar que o preenchimento desses currículos é de responsabilidade dos próprios pesquisadores. Assim, o método adotado para esse levantamento pode conter imprecisões ou dados desatualizados. Portanto, todos os valores apresentados devem ser considerados apenas como aproximações da realidade do campo.

Por fim, visamos contribuir para o debate sobre a necessidade de reconhecimento dos cientistas da religião nesses programas, promovendo uma maior valorização para os profissionais formados em ciência da religião.

Panorama da Área 44: Ciências da Religião e Teologia

Com uma história que se estende ao longo dos anos, remontando às discussões precursoras e à criação dos primeiros programas de pós-graduação na década de 1970, os PPGs em ciência da religião e teologia compunham, até outubro de 2016, a área de filosofia nos registros da CAPES. A ciência da religião, embora não estivesse explicitamente mencionada no título da área, era implicitamente reconhecida e descrita como

parte da subcomissão de teologia. A percepção predominante parecia considerar a ciência da religião e a teologia como termos sinônimos, conforme ressaltado por Stern (2018).

Contudo, em 2016, foi noticiada a autonomia conferida à Área de Ciências da Religião e Teologia na CAPES. Por meio da Portaria CAPES nº 174/2016, publicada no Diário Oficial da União em 13 de outubro de 2016 (Brasil, 2016), consolidou-se a criação da Área 44 da CAPES: Ciências da religião e Teologia. As duas disciplinas se voltam para a produção de conhecimento por meio da análise de um elemento comum: a religião. Embora se dediquem ao mesmo objeto de estudo, essas abordagens revelam singularidades, algumas das quais podem ser conflitantes.

Desde o seu advento no século XIX, a ciência da religião definiu-se como uma disciplina eminentemente empírica. Questões relacionadas à verdade ou falsidade de conteúdos religiosos, à compatibilidade da devoção religiosa com a moralidade ou às normas da vida em sociedade eram categoricamente excluídas. Tiele (2018, p. 221), um dos pais da ciência da religião, caracteriza o cientista da religião como aquele que

desconhece hereges, cismáticos ou pagãos; para ele, como homem de ciência, todas as formas religiosas são simplesmente objetos de investigação, diferentes línguas em que se expressa o espírito religioso, meios que lhe permitem penetrar no conhecimento da própria religião, supremo acima de tudo. [...] Tampouco tenta purificar, reformar ou desenvolver a própria religião – essa é a tarefa do sacerdote e do profeta. E esta investigação científica certamente não deixa de ter benefício prático. Pode trazer à luz a superioridade de um culto em relação a outro; pode ter uma influência poderosa na purificação e desenvolvimento da própria religião; pode, ao mostrar que a religião está enraizada na íntima natureza do homem, reivindicar seu direito de existir melhor do que qualquer argumento filosófico longo; e esse testemunho é tanto mais valioso quanto mais espontâneo, imparcial e imprevisto.

Assim, é essencial compreender que uma das determinações fundamentais da Ciência da Religião é que, diferentemente da Teologia, ela se dedica a uma análise da religião em termos não religiosos. Como resalta Usarski (2006, p. 126), na ciência da religião não há indagação sobre a “verdade” ou a “qualidade” de uma religião, pois, “do ponto de vista metodológico, religiões são sistemas de sentido formalmente idênticos. É especificamente esse princípio metateórico que distingue a ciência da religião da teologia.” Ou seja, independentemente do objeto específico a ser estudado, o cientista da religião aborda seus campos de estudo com a maior imparcialidade metodológica possível e sem preconceitos. Essa postura é denominada agnosticismo metodológico, que se define por uma “desconsideração metodológica sobre a questão da ‘verdade última’, sem a preocupação de negá-la ou afirmá-la” (Stern, 2022b, p. 41).

De maneira análoga, essa separação se aplica no sentido contrário, pois a Teologia, em regra, não tem como objetivo primordial contestar as convicções de verdade religiosa. A teologia parte do pressuposto de uma verdade última, fundamentada nos dados proporcionados por uma determinada tradição espiritual. Dessa maneira, conforme salientado por Lacoste (2004), ela pode ou não culminar na adoração da realidade afirmada.

Greschat (2005), ao estabelecer uma diferenciação entre os pesquisadores desses dois campos, argumenta que os teólogos são especialistas na religião em que estão inseridos, enquanto os cientistas da religião são especialistas no estudo geral das religiões.

Os cientistas da religião desfrutam de uma liberdade acadêmica e científica que lhes permite pesquisar religiões diferentes da sua, sem estar vinculados a uma obrigação institucional perante qualquer instância superior. Em contrapartida, os teólogos investigam predominantemente a sua própria religião, contribuindo para o enriquecimento da sua tradição. Eles se envolvem com outras religiões apenas quando há necessidade de comparação com a sua, partindo de sua própria fé.

Todavia, conforme ressaltado por Sales e Ecco (2018), apesar das divergências, essas disciplinas, longe de representarem uma dicotomia intransponível, possuem o potencial não apenas de coexistir, mas de estabelecer intercâmbios, ainda que de maneira dissonante. Esse fenômeno assegura uma convivência pacífica entre ciência da religião e teologia dentro de uma única Área de Avaliação.

Atualmente, a Área 44 abriga 22 PPGs, divididos entre 11 programas de ciência da religião e 11 de teologia. Essa esfera acadêmica engloba um total de 38 cursos, compreendendo 17 mestrados acadêmicos, 15 doutorados acadêmicos, 1 doutorado profissional e 5 mestrados profissionais (CAPES, 2024). Sua presença é marcante em todas as regiões do país, sendo mais expressiva no Sudeste, com 10 programas, seguido pelo Sul, que conta com 6.

Tabela 1 – Distribuição dos PPGs da Área 44 pelas regiões do Brasil:

Instituição	Área	Região	Estado
PUC Goiás	Ciência da Religião	Centro-Oeste	Goiás
UEPB	Ciência da Religião	Nordeste	Paraíba
UNICAP	Ciência da Religião	Nordeste	Pernambuco
UFS	Ciência da Religião	Nordeste	Sergipe
UEPA	Ciência da Religião	Norte	Pará
FUV	Ciência da Religião	Sudeste	Espírito Santo
PUC	Ciência da Religião	Sudeste	Minas Gerais
UFJF	Ciência da Religião	Sudeste	Minas Gerais
PUC-Campinas	Ciência da Religião	Sudeste	São Paulo
PUC-SP	Ciência da Religião	Sudeste	São Paulo
UMESP	Ciência da Religião	Sudeste	São Paulo
UNICAP	Teologia	Nordeste	Pernambuco
FAJE	Teologia	Sudeste	Minas Gerais
PUC Minas	Teologia	Sudeste	Minas Gerais
PUC-Rio	Teologia	Sudeste	Rio de Janeiro
PUC-SP	Teologia	Sudeste	São Paulo
FABAPAR	Teologia	Sul	Paraná
FTSA	Teologia	Sul	Paraná
PUCPR	Teologia	Sul	Paraná
EST	Teologia	Sul	Rio Grande do Sul
EST	Teologia	Sul	Rio Grande do Sul
PUCRS	Teologia	Sul	Rio Grande do Sul

Fonte: elaboração do autor (2024).

Adicionalmente, a Área de ciências da religião e teologia é estruturada em oito subáreas, sendo quatro delas relacionadas à ciência da religião e quatro relacionadas à teologia: (1) epistemologia das ciências da religião; (2) ciências empíricas da religião; (3) ciência da religião aplicada; (4) ciências da linguagem religiosa; (5) teologia fundamental-sistemática; (6) história das teologias e religiões; (7) teologia prática; (8) tradições e escrituras sagradas. O propósito é estabelecer quatro grandes eixos principais que servem como fundamento para os estudos religiosos, independentemente de serem abordados pela teologia ou pela ciência da religião (Stern, 2018). Apesar das definições apresentadas, o documento da Área 44 (Capes, 2019) destaca que, com o desenvolvimento, a expansão e a consolidação de seus programas de pós-graduação, está aberta à caracterização de outros possíveis programas em conformidade com as subáreas descritas.

A respeito disso, vale ressaltar que, quando falamos sobre Área de Avaliação, estamos lidando com um conceito diferente da área do conhecimento. As áreas do conhecimento foram estabelecidas primordialmente para simplificar a organização e o compartilhamento de informações sobre projetos de pesquisa e recursos humanos nas instituições de ensino, pesquisa e inovação, destinadas aos órgãos responsáveis pela gestão da ciência e tecnologia. Portanto, podemos considerar que a área do conhecimento é, em sua essência, uma questão burocrática.

Por exemplo, por mais que até 2016 Teologia e Ciência da Religião¹ estivessem inseridas na Área de Avaliação da Filosofia, isso não implicava que fossem sinônimos da Filosofia, apesar de estarem na mesma Área de Avaliação. Essa dinâmica persiste até hoje. Embora a teologia e a ciência da religião façam parte da mesma Área de Avaliação, não significa que a teologia seja sinônimo da ciência da religião e a ciência da religião seja sinônimo da teologia. É crucial compreender que a ciência da religião busca sua própria identidade e não tem a intenção de ser teologia. Essa distinção é essencial para a autocompreensão da disciplina, conforme destacado por Usarski (2023).

Esta distinção, em termos político-acadêmicos, corresponde a uma singularidade epistemológica essencial para a Ciência da Religião, que se caracteriza por uma postura específica “baseada no compromisso com o ideal da indiferença diante do seu objeto de estudo” (Usarski, 2013, p. 51). Essa indiferença está atrelada ao agnosticismo metodológico adotado pelos cientistas da religião, o qual implica que eles não emitem julgamentos de valor sobre as religiões que investigam. O agnosticismo metodológico é uma condição essencial para que a Ciência da Religião mantenha sua autonomia acadêmica. Como observa Stern (2022b, p. 43) “não é uma opção utilizá-la ou não em nossa área”.

Já o teólogo, ao contrário do cientista da religião, “não é ‘independente’ de posições religiosas” (Usarski, 2023, p. 99). Os teólogos têm seus próprios critérios para discernir o que é “verdadeiro” e o que é “falso” no domínio da religião. Para eles, a fé é a norma decisiva, considerada verdadeira em oposição às outras, que são vistas como falsas (Greschat, 2005). Esse posicionamento pode comprometer a singularidade epistemológica da ciência da religião. Embora as pesquisas empíricas sobre as religiões

1 Ressaltando que, embora a ciência da religião não estivesse explicitamente mencionada no título da Área de Avaliação, era referida nos documentos da área (Stern, 2018).

possam ser relevantes para a teologia, “o tipo de construção de saber que a teologia efetua é diferente do tipo de construção de saber que a Ciência da Religião se propõe a produzir” (Stern, 2022b, p. 42).

É crucial enfatizar essas distinções, pois há uma tendência de “confundir” a área do conhecimento com a Área de Avaliação, para justificar a manutenção de um grande número de teólogos contratados nos programas de Ciência da Religião, sendo que a recíproca não é verdadeira: os cursos de teologia priorizam teólogos de formação na hora de contratar professores. Um exemplo claro dessa disparidade é evidenciado pelos números que levantamos: nos 11 PPGs de teologia, dos 122 docentes, apenas 11 possuem doutorado em ciência da religião, e 3 possuem alguma formação em ciência da religião². Esse desequilíbrio evidencia fortes indícios de que os PPGs em teologia possivelmente não adotam essa reciprocidade, permanecendo mais fechados em sua própria disciplina. Em contraste, na ciência da religião, a situação é completamente oposta, como veremos posteriormente.

Análise do perfil dos docentes permanentes nos PPGs de Ciência da Religião do Brasil

No Brasil, a Ciência da Religião estabeleceu-se como um campo autônomo de pesquisa a partir da criação de programas de graduação e pós-graduação na virada das décadas de 1960 para 1970. Apesar da relevância acadêmica do estudo da religião estar razoavelmente estabelecida, “o mesmo não se pode dizer de departamentos e programas de pós-graduação específicos de Ciência da Religião” (Cruz, 2013, p. 45).

Na quinta edição do Seminário de Ciência da Religião Aplicada (SEMCREA), evento periódico dedicado à empregabilidade, profissionalização e prática da ciência da religião, Stern (2018) apresentou uma análise do perfil dos corpos docentes dos PPGs em ciência da religião do Brasil. Esse levantamento revelou que os professores doutores em ciência da religião não constituíam a maioria em diversos programas da área, sendo que predominam mais os doutores em teologia e em outras disciplinas das ciências humanas. Em nosso levantamento mais recente, realizado em fevereiro de 2024, observamos que essa situação permanece praticamente inalterada. Entre os docentes nos PPGs em ciência da religião, a maioria continua sendo formada por professores formados em teologia, seguidos pelos formados em outras disciplinas das ciências humanas, como será detalhado mais adiante.

Para atualizar tais dados empíricos, realizamos um levantamento dos currículos Lattes de todos os professores dos PPGs em ciência da religião e, também, dos programas de teologia, conforme listado nos sites oficiais de cada programa.

Os sites oficiais dos PPGs em ciência da religião no Brasil declaravam, em fevereiro de 2024, haver 132 professores permanentes nos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, distribuídos em 10 instituições de ensino superior: FUV, UMESP, PUC-Campinas,

2 Mestrado ou alguma especialização de 360 horas.

PUC-Goiás, PUC-Minas, PUC-São Paulo, UFJF, UFP, UFS e UNICAP. Embora haja 11 IES com programas de pós-graduação listadas no Documento de Área (CAPES, 2019), fomos forçados a desconsiderar os dados do PPG56 de ciência da religião da UEPA, devido a problemas no sítio do programa durante o período de nossa coleta.

Dessa forma, analisando a formação dos 132 docentes permanentes, observa-se que 56% do corpo docente ainda não possui qualquer formação em ciência da religião, 33% possuem somente doutorado, enquanto 10% possuem formação em ciência da religião que não se enquadra em graduação ou doutorado, usualmente mestrado ou alguma especialização de 360 horas. Surpreendentemente, apenas 2% possuem graduação e doutorado em ciência da religião.

Figura 1 – Distribuição aproximada da formação em ciência da religião dos docentes permanentes dos PPGs em ciência da religião no Brasil



Fonte: elaboração do autor (2024).

Stern (2018, p. 86) destaca que, diante da escassez de cientistas da religião atuando como docentes nos PPGs, usualmente são apresentadas duas justificativas que, nos dias atuais, já não se sustentam mais: (1) alguns programas consideram a ciência da religião como uma área relativamente jovem, sugerindo que não conta com um número significativo de profissionais formados nesse campo que poderiam ocupar essas vagas; (2) outros a conceituam não como uma área singular, mas como um campo transdisciplinar/interdisciplinar, argumentando que é mais apropriado ter professores com formações diversas.

Costa (2016), ao escrever uma moção contra a falta de empregabilidade dos cientistas das religiões, apresenta críticas contundentes e expõe certo boicote, tanto por parte dos programas específicos de formação em Ciência da Religião quanto por outros programas das ciências humanas que optam por não contratar os formandos em ciência da religião em seus programas. Isso se torna evidente uma vez que profissionais de outras áreas estão presentes em todos os cursos de ciência da religião brasileiros, enquanto os cientistas das religiões enfrentam resistência para ingressar nos programas das formações desses professores. Essa situação é claramente discutida em uma entrevista conduzida

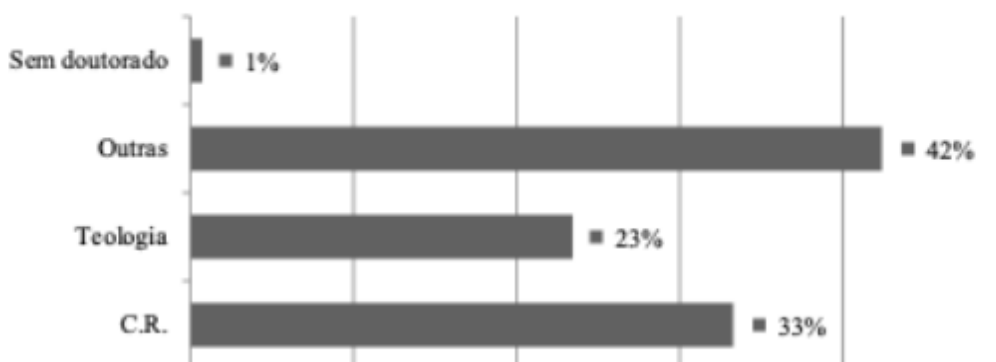
por Costa e Pimentel (2012, p. 74), com Marcelo Camurça, membro do corpo docente do PPG em ciência da religião da UFJE, em que a falta de empregabilidade é destacada como um desafio enfrentado pelos cientistas da religião:

Outra “luta” é tornar nossos cursos de pós-graduação válidos, como “áreas afins” para concursos na esfera pública de docência e pesquisa, quando nossa formação no tema da religião tiver a especificidade em Sociologia, Psicologia ou Filosofia (da religião). Isso está acontecendo numa perspectiva ascendente, mas há pouco tempo tivemos um aluno aprovado para um concurso público federal que teve seu diploma de mestre em Ciência da Religião não validado como “área afim” do referido concurso, e por isso não pôde assumir o cargo.

Diante dessa realidade, reconhecemos que há um considerável trabalho a ser realizado para consolidar a Ciência da Religião no mercado de trabalho. Como Stern (2018) destaca, é crucial que os profissionais formados em Ciência da Religião compreendam que, sem uma organização efetiva da categoria profissional, será difícil reverter o atual cenário de desemprego, especialmente para aqueles que dedicaram uma década aos estudos nessa área, da graduação ao doutorado. Assim se nenhuma ação for implementada, as instituições de ensino superior continuarão a capacitar profissionais com amplo conhecimento em religiões, porém sem perspectivas de atuação profissional (Costa, 2016).

Ao analisarmos especificamente os professores doutores dos PPGs em ciência da religião, observamos que a porcentagem de 33%, previamente identificada por Stern em sua pesquisa sobre a criação da área de avaliação “Ciências da Religião e Teologia” pela CAPES, a qual abrange dados numéricos sobre a formação dos docentes dos programas de pós-graduação da Área 44, realizada no ano de 2018 (cf. Stern, 2018), permanece inalterada, como ilustrado na figura abaixo:

Figura 2 – Distribuição aproximada da formação de doutorado dos docentes permanentes dos PPGs de ciência da religião no Brasil



Fonte: elaboração do autor (2024)

Ao realizarmos o Teste Qui-Quadrado (χ^2) para verificar a independência com os percentuais atingidos, os dados de 2024 resultou em um valor de $\chi^2 = 20,92$, com um valor p de 0,00011 e 3 graus de liberdade. Esse resultado indica que podemos rejeitar a hipótese nula da estatística, ou seja, de que não há diferença significativa nas proporções. Não houve mudanças no número de doutores em ciência da religião, que se mantiveram dentro dos valores esperados para a hipótese nula. Entretanto, os dados estatísticos corroboram que houve uma diminuição de doutores em teologia entre os professores permanentes dos programas, que, ao invés de ter sido substituídos por doutores em ciência da religião, foram substituídos por pessoas formadas em outras áreas que não a ciência da religião. A título de conhecimento, dos 42% relacionados à obtenção de “doutorado em outras áreas”, a distribuição se apresenta da seguinte maneira: 9% em história, 9% em ciências sociais, 6% em filosofia, 5% em educação, 3% em psicologia, e os restantes distribuídos em diversas outras áreas do conhecimento.

O que novamente se evidencia ao examinarmos a formação de doutorado dos docentes permanentes nos PPGs das instituições, é certa carência de professores com formação específica em ciência da religião. Apenas duas das dez instituições analisadas têm mais de 50% de seus docentes com doutorado em Ciência da Religião: PUC Minas (67%) e PUC Goiás (62%) se destacam como aquelas com maior proporção de professores com doutorado em ciência da religião. Por outro lado, os PPGs da UNICAP (9%) e da PUC Campinas (10%) possuem a menor porcentagem de professores com doutorado em ciência da religião, conforme demonstrado na tabela abaixo:

Tabela 2 – Distribuição aproximada da formação de doutorado dos docentes permanentes por PPGs de ciência da religião no Brasil

Instituição	C.R.	Teologia	Outras áreas	Sem doutorado
UNICAP	9%	27%	64%	0%
PUC-Campinas	10%	40%	50%	0%
FUV	18%	47%	29%	6%
UMESP	25%	13%	63%	0%
UFPB	26%	16%	58%	0%
UFS	27%	9%	64%	0%
PUC-SP	36%	18%	45%	0%
UFJF	45%	35%	20%	0%
PUC-Goiás	62%	15%	23%	0%
PUC Minas	67%	0%	33%	0%

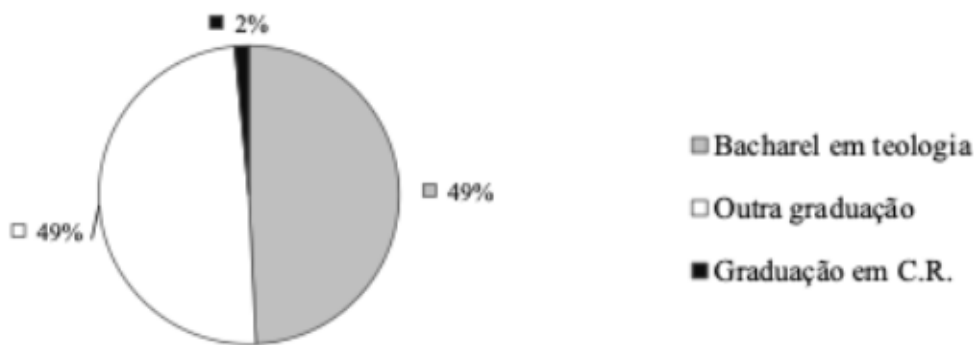
Fonte: elaboração do autor (2024)

Quando analisamos a formação inicial (graduação) dos docentes, identificamos uma disparidade ainda mais significativa: 49% possuem formação em teologia, enquanto outros 49% têm graduações em diversas áreas, como filosofia, história, ciências sociais, pedagogia, entre muitas outras, restando apenas 2% com formação específica em ciência da religião. Essa discrepância chama atenção, especialmente considerando

que as licenciaturas em ciência da religião estão ativas no Brasil desde a década de 1990, presentes em todas as regiões do país (Stern, 2022a).

Na maioria dos programas de pós-graduação do Brasil, com exceção daqueles que fazem parte da faculdade multidisciplinar, os cursos possuem uma maioria de graduados e doutores formados na área específica do programa. Contudo, os PPGs em ciência da religião continuam a se comportar majoritariamente como cursos de caráter multidisciplinar. Essa característica mantém a possibilidade de futuros questionamentos sobre a pertinência de uma Área de Avaliação própria para esses programas, considerando a maneira objetiva como estão organizados.

Figura 3 - Distribuição aproximada da formação inicial dos docentes dos PPGs em ciência da religião no Brasil



Fonte: elaboração do autor (2024)

Para compreender a gravidade desse cenário, Stern (2022a) realizou uma comparação com o perfil profissional dos docentes da USP, uma universidade de destaque no Brasil³. Ele selecionou dois PPGs da USP, o de filosofia e o de história, devido à proximidade dessas áreas com a ciência da religião, estabelecendo parcerias anteriores com pesquisadores desses programas. No PPG em filosofia da USP, observou-se empiricamente que 94% dos professores permanentes eram doutores, e 81% eram graduados em filosofia, evidenciando que quase todos possuíam formação inicial e final na área em que lecionavam. No caso do PPG em história da USP, 86% dos professores eram doutores, e 84% eram graduados em história, mostrando também uma alta correlação entre a formação inicial e final na respectiva área de ensino.

Em nosso levantamento, ao examinarmos os 11 PPGs de teologia, destacamos uma predominância semelhante de docentes com formação inicial e final na área em que

³ A USP é a melhor universidade brasileira no *QS World University Ranking*, ocupando a 92ª posição global, e lidera o *QS Latin America & The Caribbean Ranking*, consolidando-se como a mais bem classificada na América Latina (*QS World University Rankings 2025, 2024*).

lecionam. Identificamos que 77% dos docentes permanentes possuíam doutorado, e 89% eram graduados em teologia.

Tabela 3 – Professores permanentes com formação específica na área de docência

	PPGs em C.R. (Brasil)	PPGs em Teologia (Brasil)	PPG em História (USP)	PPG em Filosofia (USP)
Graduação na área	2%	89%	84%	81%
Doutorado na área	33%	77%	86%	94%

Fonte: elaboração do autor (2024)

Esses dados apontam para a relevância atribuída à formação específica dentro dos PPGs de teologia, história e filosofia, indicando que estes mantêm uma tendência de manutenção e um enfoque mais restrito à sua própria disciplina. Em contrapartida, tal priorização não se verifica nos PPGs de ciência da religião brasileiros. Os números levantados indicam a necessidade dos programas de ciência da religião no Brasil repensarem o perfil para futuras contratações docentes na área.

Por fim, ao analisarmos a distribuição por gênero, destaca-se que o perfil dos docentes ainda é majoritariamente masculino. Dos 132 docentes, 99 (75%) são homens e 33 (25%) são mulheres. Esse desafio não é recente, e a Área 44 tem se empenhado em encontrar soluções para a assimetria de gênero. A ANPTECRE também está comprometida com essa causa e continua contribuindo por meio de ações diretas nos PPGs membros, além de pesquisas e inserção social para superar as desigualdades persistentes em nossa área. Na conjuntura atual, é crucial reafirmar a luta por políticas públicas que promovam equidade, liberdade e dignidade para todas as mulheres.

Além disso, é fundamental abordar a assimetria étnico-racial na composição do corpo docente dos programas da área, enfrentando-a como uma política afirmativa de inclusão. Infelizmente, devido à falta de dados e informações disponíveis, não foi possível realizar esse levantamento em nosso levantamento atual.

Considerações finais

Este artigo se propôs a fornecer uma visão abrangente do cenário atual dos corpos docentes dos Programas de Pós-Graduação (PPGs) em ciência da religião no Brasil. Inicialmente, realizamos uma análise geral da Área 44: ciências da religião e teologia, em que detalhamos suas subáreas e os programas que fazem parte dela. Em seguida,

examinamos o perfil dos professores permanentes desses programas, utilizando uma metodologia que envolveu a análise dos currículos Lattes disponíveis nos sites oficiais das instituições. Buscamos não apenas mapear a realidade da formação de professores em ciência da religião, mas também instigar reflexões sobre a necessidade de valorizar os próprios cientistas da religião, considerando a possível exclusão dentro de seu próprio domínio de atuação.

Assim, o presente estudo evidência que, embora tenha ocorrido a consolidação de uma Área de Avaliação específica, ao longo dos anos, não houve avanço significativos na inclusão de egressos dos cursos de ciência da religião como corpos docentes de seus próprios cursos, como salientado anteriormente por Stern (2022a). Desafios significativos persistem na composição dos corpos docentes dessa área, apontando para certa exclusão de cientistas da religião nos programas que os formam, dentro de seu próprio domínio de atuação. Esse cenário mantém a ciência da religião como um campo de trabalho predominantemente protegido para outras disciplinas das ciências humanas e para a teologia, em detrimento da exclusão e manutenção de um exército de desempregados formados em ciência da religião.

A falta de predominância de formandos em ciência da religião, em comparação com teólogos e profissionais de outras disciplinas, é um fenômeno persistente, evidenciado tanto em análises passadas quanto em nosso levantamento. É importante repensar os concursos dos programas de ciência da religião, avaliando o perfil de pesquisa que produzem, os métodos empregados, a utilidade do conhecimento gerado pela própria ciência da religião e a efetividade em sua disseminação ocorre. O caminho para superar essas barreiras e promover mudanças significativas nesse cenário requer reflexão, mobilização e ações coordenadas, visando à construção de um ambiente profissional mais inclusivo e representativo para os cientistas da religião no Brasil.

Referências

BRASIL. Portaria nº 174, de 11 de outubro de 2016. Cria as áreas de avaliação de Filosofia e de Teologia. Diário Oficial da União, Brasília, 13 out. 2016, Seção 1, p. 18. Disponível em: <https://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detallar?idAtoAdmElastic=300>. Acesso em: 20 de dez. de 2024.

CAPES. **Ciências da religião e teologia**: Documento de área 2013-2016. Brasília: MEC, 2019.

CAPES. **Tabela de Áreas de Conhecimento/Avaliação**. Brasília: MEC, 2022.

CAPES. Plataforma Sucupira. **Cursos avaliados e reconhecidos por área**. Brasília: MEC, 2024.

COSTA, Gilmar Gonçalves da.; PIMENTEL, Claudio Santana. Entrevista: Marcelo Camurça: Questões epistemológicas na ciência da religião: Reflexões sobre a Identidade pedagógica II. **Último Andar**, São Paulo, n. 20, pp. 71–74, 2012.

COSTA, Matheus O. Moção contra a falta de empregabilidade dos cientistas das

religiões: lida no Simpósio Nacional da ABHR 2016. **REVER:** Revista de Estudos da Religião, São Paulo, v. 16, n. 2, pp. 175-179, 2016.

CRUZ, Eduardo R. Estatuto epistemológico da ciência da religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas, 2013, pp. 37-49.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é ciência da religião?** São Paulo: Paulinas, 2005.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas, 2004.

QS World University Rankings 2025: Top global universities. 2024. Disponível em: <https://www.topuniversities.com/world-university-rankings>. Acesso em: 20 dez. 2024.

SALES, Omar Lucas Perroux Fortes de; ECCO, Clóvis. Ciências da religião no Brasil: Ensaio para a autonomia afirmada e a expansão do horizonte prático de atuação. In: STERN, Fábio L.; COSTA, Matheus O. (Orgs.). **Ciências da religião aplicada: Ensaio pela autonomia e aplicação profissional**. Porto Alegre: Fi, 2018, pp. 79-97.

STERN, Fábio L. A criação da área de avaliação Ciências da Religião e Teologia na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Espaços**, São Paulo, v. 26, n. 1, pp. 73-91, 2018.

STERN, Fábio L. Contratação de cientistas da religião como professores de cursos de ciência da religião. **REVER:** Revista de Estudos da Religião, São Paulo, v. 22, p. 7-11, 2022a.

STERN, Fábio L. **Agnosticismo metodológico**. In: Frank Usarski; Alfredo Teixeira; João Décio Passos. (Org.). **Dicionário de Ciência da Religião**. 1ed. São Paulo: Paulus, 2022b, v. 1, p. 41-43.

TIELE, Cornelis Petrus. Concepção, objetivo e método na ciência da religião. **REVER:** Revista de Estudos da Religião, São Paulo, v. 18, n. 3, pp. 217-228, 2018.

USARSKI, Frank. **Constituintes da ciência da religião:** cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.

USARSKI, Frank. **A identidade da ciência da religião**. São Paulo: Edições 70, 2023.

Recebido em: 25/04/2024

Aprovado em: 13/06/2025

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Alfredo Teixeira.